

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresários esperam mais recessão em 92

Entre as previsões de industriais e comerciantes, inflação e juros altos, queda das vendas e muitas empresas trocando de mãos

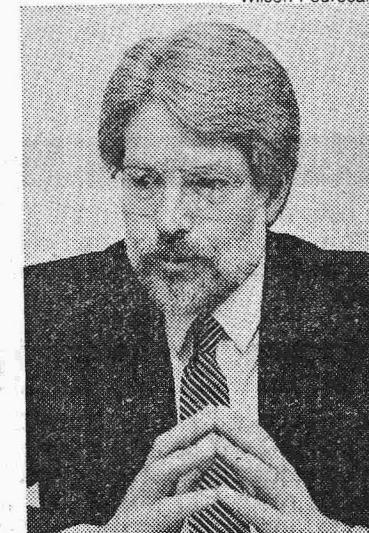
JANE FILIPON e
LUIZ CARLOS d'AVILA

E recessão, juros altos, inflação elevada, menos vendas e queda nos lucros são alguns dos prognósticos dos empresários para 1992. "O quadro é de dificuldades", diz o diretor-presidente da Companhia Hering, Ivo Hering. O tamanho da recessão, acredita ele, dependerá da atitude que o presidente Collor estiver disposto a assumir. "Se o presidente aceitar passivamente o desemprego, teremos um ano muito ruim", acredita. Na sua opinião, o erro maior do atual governo foi não ter adotado as medidas agora propostas ao FMI quando ainda tinha apoio para impor esse ajuste.

Com a política de juros altos, muitas empresas deverão mudar de mãos no País, prevê o presidente do Conselho Nacional das Associações Comerciais (Conasc), Cesar Rogério Valente. "Sobrarão as empresas capitalizadas", diz Valente. Ele estima um aumento das concordatas e falências no primeiro semestre, e acredita que a formalização do acordo do Brasil com o FMI, apesar das medidas austeras propostas, terá um efeito positivo no ano que vem. "O acordo cria condições para as companhias estrangeiras voltarem a investir por aqui", diz o presidente da Conasc, lembrando da compra da MPM Propaganda pela agência Lintas.

As vendas não deverão crescer no País em 1992, dizem os empresários. Para eles, o ano que vem será de preparação para a retomada dos negócios somente em 1993. "As grandes companhias estão comprando apenas o necessário para manter o fluxo de produção, e o consumidor está adiando o quanto pode seus gastos", avalia o diretor da Controil, Leonildo Bernardon.

Boa safra — "Nossa expectativa é a boa safra agrícola que de-



Procurando a saída

Valente, do Conasc, e a fábrica da Hering: preocupação com juros altos e exportação para fugir da crise

veremos colher", diz o vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Dagoberto Lima Godoy. Mas isso não impedirá, segundo Godoy, uma recessão mais profunda do que a deste ano. Mesmo assim, ele propõe que o governo faça as reformas estruturais e continue com o processo de privatizações e com a disciplina monetária. Ele teme, no entanto, que o governo tenha pouco êxito no aumento da arrecadação e controle do déficit. "Os redutos improductivos da máquina pública ainda não foram tocados", diz Godoy.

As exportações deverão ser um caminho ainda mais utilizado pelas empresas para conseguir manter o nível de atividades, prevê Hering, que em 1991 destinou 25% de sua produção na área têxtil para o Exterior, rompendo a média histórica de 15%. Com isso, obteve uma receita equivalente a US\$ 60 milhões. De acordo com os empresários, o saldo da balança comercial brasileira em 1992 deverá ser muito superior aos US\$ 10 bilhões previstos para este ano, impulsionado pelo crescimento das exportações de produtos agrícolas.

Os empresários de Minas Gerais também não têm motivos para otimismo. Na avaliação deles, 1992 será o ano em que a recessão estará plenamente consolidada, com um verdadeiro deserto de vendas, inadimplências e quebra-reira geral de empresas no primeiro trimestre. Entre as sobreviventes, surgirão inéditos oligopólios de pequenos e médios fornecedores, criando problemas de insumos, inclusive para as empresas exportadoras, as únicas que deveriam se manter imunes ao rigor da política monetária.

Mais desemprego — O desemprego deverá crescer, prevêem os empresários mineiros, assim como as greves. Na melhor das hipóteses, haverá crescimento zero do PIB, sem uma redução satisfatória da inflação. Mas o País deverá conseguir um bom saldo comercial para a retomada do pagamento da dívida.

O empresário Eduardo Noronha, que acaba de receber o título de Lojista Mineiro do Ano, dono da Prima Línea, uma das maiores redes de lojas de móveis de Belo Horizonte, com fábrica própria, não se conforma com a carta de in-

tenção entregue pelo governo ao FMI.

"Ela vai impor um sacrifício absurdo, por causa de US\$ 2 bilhões e para incentivar a exportação, visando a sobre de dólares à custa da miséria de todos nós", diz Noronha. Ele acaba de cancelar um investimento de US\$ 500 mil para implantação de uma fábrica de colchões. "Tinha esperança de melhorias ainda este ano", explicou. Noronha está trabalhando 11 horas por dia, duas horas a mais do que antes. "É para ver se atravesso o trimestre desesperador que vem aí e consigo repetir o faturamento de 91, mas sem ilusão quanto a lucros. Sorte é eu não estar preso a banco. Quem está, têm seus dias contados", prevê.

Reação social — Stefan Bogdan Salej, presidente da Tecnowatt, maior produtora nacional de luminárias industriais, acha que o primeiro trimestre virá aliado a movimentos sociais fortíssimos, para pressionar mudanças na política recessiva. "Um ano de conturbação em que o governo não conseguirá concluir a reforma fiscal. Empresas dedicadas a sobreviver, muitas quebran-

do, outras virando informais, e um grande aumento das atividades ilegais". Ele espera que sua empresa repita o faturamento de 91, 25% inferior ao de 90, mas também não prevê lucro.

Presidente da Samarco Mineração, terceira maior exportadora de minério de ferro do País, Ruiuti Kanadani prevê a repetição do bom desempenho dos anos anteriores. Mas se preocupa com o aumento das tarifas públicas e com a quebra das empresas, "que poderá atingir fornecedoras nossas e levar a oligopolização de alguns setores de fornecimento, ou mesmo dificuldade de obtenção de insu-

mos". O dono da Livraria América, uma das maiores e mais tradicionais de Minas, Hiram Reis Corrêa, considera que o setor livreiro, embora seja um dos menos sensíveis ao desaquecimento econômico, "terá de abrir mão de boa parte da sua lucratividade para manter as vendas no nível de 1991". Como Kanadani, ele também acha que surgirá "uma situação inédita de oligopólios de médios fornecedores". Corrêa acha, porém, que a política recessiva terá sucesso.